

catálogo

CINEMA, TAMBÉM É QUILOMBO



Copyright © 2021, Ofá produtora e consultoria

COORDENAÇÃO GERAL **BÁRBARA MAIA CERQUEIRA CAZÉ**

PRODUÇÃO **KAROL MENDES E DAIANE SILVA**

CURADORIA **CINECLUBE AFOXÉ** (ESPÍRITO SANTO)

EGBE - MOSTRA DE CINEMA NEGRO DE SERGIPE (SERGIPE)

MOSTRA ITINERANTE DE CINEMAS NEGROS - MAHOMED BAMBA (BAHIA)

MOSTRA DE CINEMA NEGRO DE PELOTAS (RIO GRANDE DO SUL)

COMUNICAÇÃO SOCIAL **BRUNELLA BRUNELLO RASERA**

APOIO TÉCNICO **LUCAS HONORATO**

PRODUÇÃO EDITORIAL **MARÍLIA CARREIRO**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Bibliotecária responsável: Bruna Heller (CRB-10/2348)

C574 Cinema também é quilombo [recurso eletrônico] /
Organizadora: Bárbara Maia Cerqueira Cazé. –
Vitória: Pedregulho, 2021.
Dados eletrônicos (1 PDF ; 11,3 mb).

ISBN 978-65-86932-21-8

1. Cinema - Catálogo. 2. Quilombo. I. Cazé,
Bárbara Maia Cerqueira. II. Título.

CDU 791.43(=98)(058)

Índice para catálogo sistemático: 1. Cinema 791.43; 2. Anuários,
catálogos, etc. (058); 3. Negros, quilombolas (=98)

www.editorapedregulho.com.br
facebook.com/editorapedregulho
instagram.com/editorapedregulho
twitter.com/_pedregulho_

APRESENTAÇÃO

Inspirados pelo conceito da intelectual negra brasileira Beatriz Nascimento de “Quilombo” como significado amplo de resistência negra em diversos territórios físicos e simbólicos, temos compreendido o Cinema Negro como esse território no qual realizadores negros criam imagens narrativas de resistência que ampliam as possibilidades de existir para a população brasileira respeitando e valorando a história e a cultura afro-brasileira.

O Festival “Cinema também é Quilombo” foi concebido para ser um grande encontro da cultura negra e do audiovisual negro ocupando espaços de resistência, como o Museu Capixaba do Negro – Verôncia da Pas, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. No entanto, por causa da pandemia ocasionada pelo Covid-19 e agravada pela falta de gestão articulada na contenção da contaminação do vírus, decidimos por fazê-lo de modo virtual na plataforma Todesplay, gerenciada pela APAN – Associação de profissionais do Audiovisual Negro, reafirmando a nossa aposta política no aquilombar-se.

A curadoria do Festival foi realizada por mostras que aconteceram em outros estados do Brasil, a saber: Cineclube Afoxé (Espírito Santo), EGBE- Mostra de Cinema Negro de Sergipe (Sergipe), Mostra Itinerante de Cinemas Negros - Mahomed Bamba (Bahia) e Mostra de Cinema Negro de Pelotas (Rio Grande do Sul). Dessa encruzilhada curatorial, foram selecionados 32 filmes programados em dois percursos de caminhadas, pausas, respiros e outros sentimentos possíveis a cada cinco dias para fruição livre.

Além de filmes, o Festival “Cinema também é Quilombo” conta com um show de abertura “Sou Negro” da cantora capixaba Monique Rocha, três diálogos que são os encontros síncronos em formato de webnário sobre “Curadoria” com os curadores das mostras citadas, “Cinema Negro e Educação antirracista” com pesquisadores da área

da Educação que trabalham com cinema e “Encontro com diretores” com alguns diretores das obras audiovisuais disponíveis no festival, um sarau com escritores negros capixabas e uma Masterclass sobre “Roteiro: narrativas afrocentradas”, com a diretora e roteirista premiada Mariana Luiza.

Todas as atividades gratuitas, abertas ao público e transmitidas pelo Todesplay e Facebook. O Festival “Cinema também é Quilombo” é uma realização da Ofá Produtora e Consultoria e conta com o apoio da Lei Aldir Blanc, da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo.

Axé!

Bárbara Maia Cerqueira Cazé

Pedagoga, mestra e doutoranda em Educação. Coordena o Cineclube Afoxé e é CEO da Ofá Produtora e Consultoria.



CINEMA TERRITÓRIO DA IMAGINAÇÃO

Quando chega o dia das eleições,
Ganha quem sabe enganar melhor.
O mundo não tem jeito mais não,
é policia prendendo negro e quilombola
Sem direito e sem razão
Enquanto político fica aí
Roubando o país e a nação

Canção do Ticumbi de São Benedito/2019

Para este catálogo do Festival Cinema Também é Quilombo buscamos trazer à baila duas referências: o Mestre e quilombola Antônio Bispo em seu livro *Colonização, Quilombos, modos de significações e a historiadora Beatriz Nascimento*, em suas considerações analíticas. Mestre Bispo nos apresenta a proposta de pensar os processos de resistência e luta dos povos colonizados como contra colonização.

A prática contra colonial inclui toda luta e defesa do território pelos povos tradicionais do campo e da cidade. Criando pontes entre o pensamento de Mestre Bispo e cinema negro, de quais fluxos de vida falamos exatamente ao articular as interseções entre cinema e quilombos? Não nos cabe aqui realizar uma discussão entre os desafios existentes sobre representatividade e representação já realizada de maneira profunda por Mariana Queen Nwabasili, mas sim pensar um momento anterior a este, o da implosão dos discursos. No enalço dessa premissa me parece ideal contra colonizar a ideia da captura, e realizar uma captura do frame sob a perspectiva contra colonial.

De modo a subverter espaços de apresentação, temas para criação de obras implicadas na fruição como máxima, no prazer estético, na sátira política, recontando possibilidades, palavras, com fios que nos liguem a um processo tão antigo quanto o próprio homem de contar histórias. Um festival de cinema negro é uma possibilidade no tempo de entrelaçar modos de ver e representar com robustez e ritmo.

Em *Alma no Olho* do ator, diretor e produtor Zózimo Bulbul, observamos o cineasta brincar em cena com as possíveis imagens coladas ao que é ser um homem negro, do bárbaro ao estudante, do intelectual como cárcere, a obra é na mesma medida provocativa, instigante e direta, revelando os desafios da existência e dos limites de se habitar um corpo negro.

Pensando a partir das considerações de Beatriz Nascimento sobre o quilombo/kilombo:

Como instituição guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrige distorções impostas pelos poderes dominantes. O fascínio de heroicidade de um povo regularmente apresentado como dócil e subserviente reforça o caráter hodierno da comunidade negra que se volta para uma atitude crítica frente às desigualdades sociais a que está submetida. (BEATRIZ NASCIMENTO, P.122-125, 2006)

Beatriz Nascimento ao nos apresentar a importância do simbólico na constituição da nacionalidade brasileira entrelaça os sentidos de uma sociedade alternativa ao sistema colonial, e o quilombo aos processos políticos de busca da população negra ativista por marcos nacionais repletos de sentidos positivos e capazes de provocar reflexão para a população.

O Grupo Palmares sediado no Rio Grande do Sul na década de 1974 propôs a criação do dia da consciência negra no dia 20 de novembro em rejeição à celebração do 13 de Maio, para tratar da abolição incompleta, passar da assinatura formal da lei para a data do assassinato de Zumbi dos Palmares e queda do quilombo é uma ruptura frontal com a manutenção de uma ode às três raças.

A escolha da data de um massacre para refletir sobre a presença negra no solo brasileiro é nesse sentido eficaz pois podemos nos lembrar a cada dia vinte do lugar que corpos negros tem ocupado nesse país há mais de trezentos anos: o lugar dos escombros e da escuridão, que muitos (mas nem todos) conseguem agenciar como espaço para a criação de possibilidades, gravadas como sulcos profundos na terra,

passados como herança simbólica nas músicas, nos quilombos, nos agrupamentos negros pelas cidades.

Um cinema que se aquilomba nesse sentido é um cinema que produz caminhos a partir de outros parâmetros e questiona como Zózimo em *Alma no Olho*: O que é habitar um corpo negro?

Tais marcos políticos e poéticos, afinal Beatriz e Bispo além de intelectuais também são poetas, nos levam a articular para este Festival e este texto a busca por medrar cada vez mais nas aberturas, nos encontros, nas trocas e na circulação de obras cinematográficas. Sobretudo em um cenário marcado pela morte e os descaminhos das políticas para a vida, e de nenhuma preocupação estatal a nível federativo da sobrevivência do mercado audiovisual diante de um contexto pandêmico.

Desejamos que a cadência e o ritmo das proposições contra coloniais de Mestre Bispo e Beatriz Nascimento nos inspirem a apresentar para o cinema negro brasileiro novos territórios da imaginação. Que como os jongueiros e caxambuzeiros saibamos conduzir este barco com tenacidade e robustez. Cinema também é quilombo.

Renata Beatriz Rodrigues da Costa

Historiadora, Mestra em Ciências Sociais e cinéfila. Aprendi a gostar de cinema com minha Mãe que, tendo cursado até a quinta série, me apresentou a Luis Buñuel e a Ingmar Bergman. Trabalho com povos tradicionais, mulheres quilombolas, e lideranças femininas negras. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4342814054077083>.



PROGRAMAÇÃO DETALHADA



Abertura com a show live da cantora negra capixaba Monique Rocha no dia 19/03/2021 (sexta-feira), às 20 horas.

Mostra online gratuita e aberta ao público durante dez dias (de 19 a 28/03/2021 com a curadoria selecionada pela Mostra Itinerante de Cinemas Negros - Mahomed Bamba (Bahia), EGBE- Mostra de Cinema Negro de Sergipe (Sergipe), Cineclube Afoxé (Espírito Santo), Mostra de Cinema Negro de Pelotas (RS). Esse empreendimento curatorial coletivo favorecerá a ampliação da diversidade dos olhares, das linguagens, dos territórios de produções e das outras dimensões que envolvem o Cinema Negro.

Diálogos são chamados os encontros síncronos em formato de webnário temática própria, a saber:

Curadoria (20/03/2021, sábado) – esse diálogo tem como objetivo que os curadores responsáveis pelas mostras parceiras falem sobre seus movimentos de curadoria; Participação: Daiane Silva, Ronaldo Melo, Lucas Honorato e Manu Zilveti; Mediação: Bárbara Maia Cerqueira Cazé

Cinema Negro e Educação antirracista (23/03/2021, terça-feira) – esse diálogo visa dar visibilidade aos encontros possíveis entre o cinema Negro e a Educação Antirracista com pesquisadores da área da Educação que trabalham com cinema como Alex França (professor da Universidade Estadual de Feira de Santana), Izabel de Fátima Cruz (professora da Universidade do Estado da Bahia), Tatiana Rosa (professora das redes municipais de Educação de Vitória e Serra) e Marco Aurélio Correia (pesquisadora e autor do livro Cinemas Afro-atlânticos); Mediação: Daiane Silva

Encontro com diretores (24/03/2021, quarta-feira) – com alguns diretores das obras audiovisuais disponíveis no festival. Participação: Iris Oliveira, Heraldo de Deus, Edileuza Penha de Souza e Edson Ferreira. Mediação: Karol Mendes

Sarau (26/03/2021, sexta-feira) online com escritoras negras e escritores negros de diferentes gêneros literários que irão recitar seus trabalhos. Já confirmadas Tamyres Batista Costa, Wagner Silva Gomes, Thiara Cruz e Jânio Silva. Mediação: Aline Almeida

Masterclass sobre **Roteiro: narrativas afrocentradas** com a diretora e roteirista premiada Mariana Luiza. Esta masterclass que deve acontecer no dia 27/03/2021 (sábado) propõe uma reflexão coletiva acerca da cosmologia Bantu, como alternativa à organização ontológica dicotomizada da cultura ocidental e ferramenta de construção de narrativas afrofuturistas e de combate ao epistemicídio. Mariana Luiza é realizadora, pesquisadora audiovisual e roteirista. Membro da APAN, é graduada em roteiro de cinema pela New York Film Academy e em Montagem pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Em 2017, roteirizou e dirigiu o curta-metragem de ficção Casca de Baobá (12 min), exibido em diversos festivais no Brasil e em países como Canadá, Estados Unidos, França, Portugal, Coréia do Sul, Colômbia, Cabo Verde, Uganda entre outros, com 6 premiações. Mariana também atua como roteirista e pesquisadora para projetos de cinema e televisão tendo trabalhado para as produtoras Conspiração, Bananeira Filmes, Coqueirão Pictures entre outras e em seu último trabalho, escreveu ao lado de Aline Portugal e Júlia de Simone, o longa-metragem de ficção “Corte Real” a ser filmado em 2021.

FORMAS DE SENTIR E MODOS DE FAZER CURADORIA NO/COM O CINEMA NEGRO

Diante de mim, na tela do meu notebook ou do celular, há 31 filmes.

Do lado de fora, observo a necessária e urgente pausa dos movimentos do mundo e a condição vivida por nós por conta da pandemia causada pela Covid-19. E aqui dentro observo, assisto, sinto o movimento poético, político e estético traduzidos nas formas desses 31 filmes. Personagens, Cenas, Cenários, Sons, Histórias e a oportunidade de, acessar, nesse instante de tempo em que eu me encontro, a coexistência entre passado e presente, pausa e movimento, continuidades e discontinuidades. Diante de 30 curtas-metragens e 01 longa-metragem, tive a chance de realizar, em casa, sozinha, imersa nos silêncios e ruídos do meu espaço de trabalho, um trânsito entre as narrativas negras que nos trazem histórias que são espelhos das nossas existências e urgências.

Diante de mim, na tela do meu notebook ou do celular, há 31 filmes e a demanda de Montar a Programação do Festival Cinema Também é Quilombo. Montar, escolher, realizar o cruzamento e encontro dessas narrativas que tem como centro e como ponto agregador o fato de serem todas realizadas por cineastas negros e negras. No gesto inacabado da montagem dessa programação, no encontro com as possibilidades e probabilidades presentes nessa encruzilhada curatorial feita pelos nossos curadores convidados, chego ao desejo de criação de uma composição. Na dúvida entre separar os filmes em blocos para chegar a uma unidade estética me coloco diante dos filmes e escolho ao menos 02 caminhos para essa construção e para as possíveis e impossíveis conexões entre as obras: primeiro me ponho diante do jogo aleatório das palavras que emergiram durante o processo e que estão aqui, nesse texto. Em seguida me coloco a disposição de mim mesma para perceber quais as sensações que cada filme trouxe para o meu corpo: Eu, mulhernegra-programadora-espectadora.

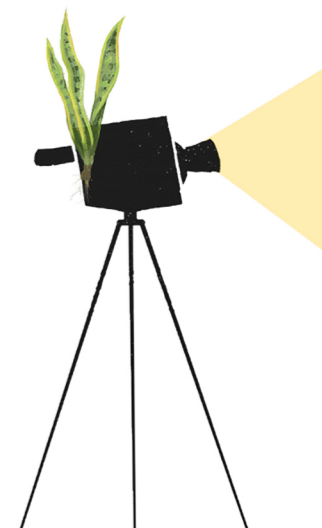
Desse modo, peço licença para trazer para troca da palavra pela palavra caminho. Sugiro a vocês movimento. Em algum momento, diante de todos os atravessamentos e sensações causadas pela imersão nas obras, tive o desejo de inserir a palavra “Rua” para cada título, tentando conduzir o espectador e espectadora para o conjunto de filmes e como cada um deles também nos convocam a um itinerário com muito ritmo. Qual caminho adentrar? E quais sensações essas encruzilhadas fílmicas reverberarão em mim?

Entre a necessidade de parar e continuar cada vez que assistia as obras, e pela percepção daquilo que elas tinham em comum enquanto temática, linguagem, forma e conteúdo, para a composição de cada caminho da programação do Festival Cinema Também é Quilombo a ideia de “blocos fílmico” foi também substituída pela ideia de territórios. Cada Território Fílmico, possui caminhos que podem ser contínuos (para os filmes que aparecem juntos em um mesmo ponto) ou podem ser caminhos de pausa (para filmes que aparecem sozinhos quase que dando ao espectador e espectadora uma possibilidade de respiro após a sessão.) Sem a intenção de antecipar as sensações que cada filme causaria nos corpos de nossos espectadores e espectadoras esse texto é um relato de uma experiência marcada por um emaranhado, por um cruzamento, por curvas, incertezas e surpresas.

Quero ressaltar que o exercício da montagem dessa programação está para além de escolhas pautadas apenas pelos critérios de combinação que levassem em consideração aspectos técnicos como minutagem...foi antes de tudo, me colocar diante de aspectos potentes, provisórios e aleatórios. Um ensaio e uma experimentação sobre formas do sentir e modos de fazer curadoria.

Daiane Silva Santos

PROGRAMAÇÃO



Filmes de 19 a 23/03

Título Original do filme: 5 Fitas [Programação Cinema e educação]

- Nome completo do/a diretor/a: Heraldo de Deus Borges e Vilma Carla Martins Silva
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 15 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2020
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Em Salvador (Brasil), todo ano acontece a grande e tradicional festa para

Senhor do Bonfim, onde fiéis, turistas e foliões, peregrinam até a famosa igreja para amarrar fitas e fazer pedidos. Dois irmãos, Pedro e Gabriel, ouvem desde cedo as histórias e rezas de sua avó ao Senhor do Bonfim e decidem fugir no dia da lavagem, se aventurar entre a multidão, para tentar pedir por uma bola de futebol, já que cresceram sem uma figura paterna. Lá confrontam as narrativas de sua avó, com a lavagem atual, trazendo questões sobre religiosidade, sincretismo, manifestação popular, e importância da família.

Título Original do filme: Lá do Alto

- Nome completo do/a diretor/a: Luciano Vidigal
- País de origem: Brasil / Rio de Janeiro
- Duração: 8 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2016
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: O filme vai mostrar a história de um menino sonhador que tenta convencer seu pai a permitir que ele suba ao topo de uma montanha. Ali, perto do céu, o menino acredita poder se comunicar com sua avó falecida, de quem sente saudades.

Título Original do filme: Babá Eletrônica

- Nome completo do/a diretor/a: Carolen Meneses e Sidjonathas Araújo
- País de origem: Brasil
- Duração: 1 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: O curta-metragem mostra como as crianças estão a mercê da vigilância social para seguirem padrões que foram historicamente construídos pela sociedade.

Título Original do filme: Chamada a cobrar

- Nome completo do/a diretor/a: Edson Ferreira
- País de origem: Brasil / Espírito Santo
- Duração: 19 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2020
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Segredos dos pais de Júlia são revelados quando eles tentam reverter a nota baixa da filha na escola.

Título Original do filme: Mãe não chora

- Nome completo do/a diretor/a: Carol Rodrigues e Vaneza Oliveira
- País de origem: Brasil / São Paulo
- Duração: 20 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Raquel trabalha na defensoria pública mas não consegue entrar com um pedido de pensão contra o pai do filho ela.

Título Original do filme: Acervo ZUMVI - O Levante da Memória

- Nome completo do/a diretor/a: Iris de Oliveira
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 36 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: Livre

- Sinopse: O documentário trata da história do ZUMVI Arquivo Fotográfico, sua luta por preservação e a trajetória profissional do fotógrafo Lázaro Roberto, o “Lente Negra”, um dos pioneiros da fotografia documental na Bahia. O acervo contém mais de 30 mil fotogramas - um precioso e pouco conhecido conjunto de registros de importantes e definidores momentos da história da luta por justiça social da população negra na Bahia reunidos desde a década de 70. A iniciativa é viabilizada por meio do Edital Setorial de Audiovisual 2019, com apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda, Fundação Cultural do Estado da Bahia e Secretaria de Cultura da Bahia.

Título Original do filme: Tudo que é apertado rasga

- Nome completo do/a diretor/a: Fabio Rodrigues Filho
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 27 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2017
- Idade mínima recomendada: Livre

- Sinopse: Na tentativa de forjar uma ferramenta capaz de operar o corte por justiça, este filme retoma e intervém em imagens de arquivo, reestudando parte da cinematografia nacional à luz da presença e agência do ator e da atriz negra.

Título Original do filme: Não Fique Triste Menino

- Nome completo do/a diretor/a: Clébson Francisco
- País de origem: Brasil / Ceará
- Duração: 8 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: Livre

- Sinopse: Partindo de memórias pessoais, o filme “Não fique triste, menino” busca falar sobre identidade negra, masculinidade e ressignificação da própria memória.

Título Original do filme: Ruim é ter que trabalhar

- Nome completo do/a diretor/a: Lincoln Péricles
- País de origem: Brasil /
- Duração: 10 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: Livre

- Sinopse: Alguns dias antes da copa do mundo no Brasil, um operário reflete sobre seu trabalho.

Título Original do filme: Eu, Oxum

- Nome completo do/a diretor/a: Heloia Sales e Martha Sales
- País de origem: Brasil / Sergipe
- Duração: 23 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2017
- Idade mínima recomendada: livre

- Sinopse: O documentário “Eu, Oxum”, dirigido e roteirizado por Héloia e sua mãe Martha Sales, conta a sua história e sua relação com o orixá Oxum, e com outras cinco

mulheres “filhas” do mesmo orixá, incluindo a Yalorixá Maria José de Santana, responsável pelo “Ilê Axé Omin Mafé, mais conhecida como “Mãe Bequinha”, que, também conta sua história, como a mais antiga “filha de Oxum” do município de Riachuelo, localizado na região do Vale do Cotinguiba-SE.

Título Original do filme: Merê

- Nome completo do/a diretor/a: Urânia Munzanzu
- País de origem: Brasil / Benin
- Duração: 15 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: 12 anos
- Sinopse: Um filme de Mulheres que parte da experiência da diretora Urânia Munzanzu, para falar de protagonismo feminino na tradição Jeje Mahi, tradição religiosa e fé em pontes transatlânticas - do recôncavo da Bahia ao Benim /África. Um documentário com um olhar íntimo e sensível, (re) unindo as “donas do segredo” de uma tradição sob risco de extinção, a nação de candomblé Jeje. O filme convida as matriarcas do culto de Vodun na Bahia para seu primeiro encontro com a Terra Mãe; Levando as herdeiras da ancestralidade que forjaram no Brasil “outras Áfricas”, a diretora refaz o percurso das Rotas da escravidão trilhando caminhos de liberdade.

Título Original do filme: Motriz

- Nome completo do/a diretor/a: Tais Santos do Amor Divino
- País de origem: Brasil / Rio de Janeiro
- Duração: 15 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: No interior de Minas Gerais, onde o tempo passa devagar e a saudade

teima a andar depressa, Bete, uma mulher de olhos caudalosos e sorriso largo, convive com a distância das filhas. Apesar disso, mãe e filha encontram no amor, a força motriz que as aproximam.

Título Original do filme: Terreiro de Memórias

- Nome completo do/a diretor/a: Naymare Santos de Azevedo
- País de origem: Brasil /
- Duração: 12 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2017
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: Numa viagem de autoconhecimento de um passado familiar, Naymare volta ao terreiro de sua avó no Rio Grande do Norte. Avó e neta partem em busca de experimentar processos de cura de feridas que ainda não foram cicatrizadas mergulhando em suas memórias íntimas.

Título Original do filme: Naufrága

- Nome completo do/a diretor/a: Juh Almeida
- País de origem: Brasil /
- Duração: 5 minutos
- Gênero: Experimental
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: No batuque das ondas, a mulher náufraga desemboca no mar suas memórias.

Título Original do filme: Nascente

- Nome completo do/a diretor/a: Safira Moreira
- País de origem: Brasil / Bahia

- Duração: 8 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2020
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: Realizador por Safira Moreira, com trilha original de C-Afrobrasil e mixagem de Rosa Juam.

Título Original do filme: Aurora

- Nome completo do/a diretor/a: Everlane Moraes
- País de origem: Brasil/Cuba
- Duração: 15 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: No palco de um teatro destruído, Elizabeth, Mercedes e Crisálida, três mulheres negras de idades diferentes, revivem e reinterpretam suas histórias, conflitos e perdas, recorrendo a monólogos, boleros e memórias de dança.

Título Original do filme: A mulher do fim do mundo

- Nome completo do/a diretor/a: Ana Carmo
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 20 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Ambientado em um cenário pós-apocalíptico, conta a história de Benedita e da garota Lua, duas mulheres negras que viram o velho mundo sucumbir e agora são as únicas sobreviventes no novo mundo.

Título Original do filme: A morte branca do feiticeiro negro [Programação Cinema e educação]

- Nome completo do/a diretor/a: Rodrigo Ribeiro
- País de origem: Brasil / Santa Catarina
- Duração: 10 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2020
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Memórias do passado escravista brasileiro transbordam em paisagens etéreas e ruídos angustiantes. Através de um poético ensaio visual, uma reflexão sobre silenciamento e invisibilização do povo preto em diáspora, numa jornada íntima e sensorial.

Título Original do filme: A sete tragos do chão

- Nome completo do/a diretor/a: Ariel L. Dibernaci e Cláudia Sater
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 20 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Alan reencontra Amira e se vê encurralado em um café numa tarde. O que ele não sabia é que essa tarde podia durar uma eternidade.

Título Original do filme: A Vida é Pra Valer

- Nome completo do/a diretor/a: Marvin Pereira
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 24 minutos

- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Baseado na música “Marvin” do grupo Titãs, a trama conta a história de Cristóvão, adolescente que precisa assumir as responsabilidades dos seus pais e arcar com as dívidas deixadas por seu pai Antônio ao carrasco Seu Adolfo. Com uma linguagem que flerta entre o lúdico e o realismo fantástico o curta traz referências do novelismo rural.

Título Original do filme: Café com canela

- Nome completo do/a diretor/a: Ary Rosa e Glenda Nicácio
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 103 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2017
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Recôncavo da Bahia.

Margarida vive em São Félix, isolada pela dor da perda do filho. Violeta segue a vida em Cachoeira, entre adversidades do dia a dia e traumas do passado. Quando Violeta reencontra Margarida inicia-se um processo de transformação, marcado por visitas, faxinas e cafés com canela, capazes de despertar novos amigos e antigos amores.

Título Original do filme: Entremarés

- Nome completo do/a diretor/a: Anna Andrade
- País de origem: Brasil /
- Duração: 20 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: livre

- Sinopse: No chão de lama, mulheres compartilham os seus vínculos e vivências com a maré, a pesca, e a Ilha de Deus.

Título Original do filme: Filhas de lavadeiras [Programação Cinema e educação]

- Nome completo do/a diretor/a: Edileuza Penha de Souza
- País de origem: Brasil / Brasília
- Duração: 23 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: “Filhas de Lavadeiras” apresenta histórias de Mulheres Negras que graças ao trabalho árduo de suas mães puderam ir para escola e refazer os caminhos trilhados pelas suas antecessoras. Suas memórias, alegrias e tristezas, dores e poesias se fazem presente como possibilidades de um novo destino. Transformando o duro trabalho das lavadeiras em um espetáculo de vida e plenitude.

Título Original do filme: Guardiã dos Caminhos

- Nome completo do/a diretor/a: Milena Manfredini
- País de origem: Brasil / Rio de Janeiro
- Duração: 3 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Caminhos abertos para o mensageiro passar.

Título Original do filme: Jardim

- Nome completo do/a diretor/a: Fernanda Almeida
- País de origem: Brasil / Sergipe
- Duração: 23 minutos

- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2016
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: No conjunto Jardim, comunidade dormitório, localizada em Nossa Senhora do Socorro/SE, moradores vivem conflitos culturais e sociais, como religiosidade, violência, preconceito.

Título Original do filme: Joãosinho da Goméa - O Rei do candomblé

- Nome completo do/a diretor/a: Janaina Oliveira ReFem e Rodrigo Dutra
- País de origem: Brasil / Rio de Janeiro
- Duração: 14 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: O filme apresenta Joãosinho da Goméa como narrador principal de sua história. Com músicas cantadas por ele, performances provocadoras e arquivos diversos que ressaltam o quanto ele é importante para as religiões de matriz africana. A Rainha Elizabeth II disse que se o candomblé tivesse um rei, esse seria Joãosinho da Goméa, o Rei do Candomblé.

Título Original do filme: Liberdade

- Nome completo do/a diretor/a: Pedro Nishi e Vinicius Silva
- País de origem: Brasil / Rio de Janeiro
- Duração: 25 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: livre
- Sinopse: Abou é um artista guineense que vive com outros imigrantes africanos em uma pensão no bairro da Liberdade em São Paulo. Entre eles, vive Satsuke, uma

mulher japonesa misteriosa que parece estar na casa a muitas décadas. Sow, um jovem guineense, está tentando chegar na casa para começar uma vida no Brasil, mas fica preso na imigração no aeroporto. Vidas estrangeiras habitam o bairro da Liberdade, um lugar de passado sombrio.

Título Original do filme: Minha história é outra

- Nome completo do/a diretor/a: Mariana Campos
- País de origem: Brasil / Rio de Janeiro
- Duração: 22 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: 16 anos
- Sinopse: O amor entre mulheres negras é mais que uma história de amor? Niázia, moradora do Morro da Otto, abre a sua casa para compartilhar as camadas mais importantes na busca por essa resposta. Já a estudante de direito Leilane nos apresenta os desafios e possibilidades de construir uma jornada de afeto com Camila.

Título Original do filme: Nove Águas

- Nome completo do/a diretor/a: Gabriel Martins e Quilombo dos Marques
- País de origem: Brasil / Minas Gerais
- Duração: 25 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: Em 1930, Marcos e seu grupo de descendentes de escravizados saíram do Vale do Jequitinhonha rumo ao Vale do Mucuri. Fugindo da seca, da fome e da violência no campo, os quilombolas buscavam um novo território para construir sua comunidade. Dos tempos do desbravamento aos atuais, a história de luta por água e terra protagonizada pelos moradores do Quilombo Marques, no Vale do Mucuri, em Minas Gerais.

Título Original do filme: Pcesso Nu

- Nome completo do/a diretor/a: Clarissa Brandão
- País de origem: Brasil / Bahia
- Duração: 4 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2020
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: Inconstâncias dos processos criativos em meio ao caos diário.

Título Original do filme: Proibido pisar na grama

- Nome completo do/a diretor/a: Leticia Lima
- País de origem: Brasil /
- Duração: 12 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2018
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: “É Proibido Pisar na Grama” é um curta documentário que aborda as questões e posições que o racismo estrutural e institucional impõe à população negra brasileira, como o condicionamento ao trabalho braçal, a criminalidade e a falta de acesso a educação, é também uma mensagem de resistência

Título Original do filme: Quero ir para Los Angeles

- Nome completo do/a diretor/a: Juh Balhego
- País de origem: Brasil /
- Duração: 19 minutos
- Gênero: Ficção
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: Maria é uma menina negra universitária que decide fazer sua primeira

viagem internacional, e o destino é Los Angeles. Entretanto, nem sempre o esforço próprio é suficiente para alcançar seu objetivo.

Título Original do filme: Um grito parado no ar

- Nome completo do/a diretor/a: Leonardo Souza
- País de origem: Brasil / Rio de Janeiro
- Duração: 21 minutos
- Gênero: Documentário
- Ano de lançamento: 2019
- Idade mínima recomendada: Livre
- Sinopse: Neusa Santos Souza foi psicanalista e autora do livro “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social”. Um Grito Parado no Ar é um documentário que resgata a memória e o legado de Neusa, e abre a discussão sobre a saúde mental da população negra.

CINEMA E EDUCAÇÃO



Notas sobre o documentário “Acervo Zumvi - O Levante da Memória”

No dia 25 de Novembro de 2020, recebi, da diretora Iris de Oliveira, o link para assistir ao corte final do documentário **“ACERVO ZUMVI - Levante da Memória”**, dirigido por essa cineasta. Na época, não tão longe desse agora que escrevo, se passavam os 05 dias após as reflexões, reivindicações e emergências das pautas de lutas que marcam as “comemorações” do dia 20 de novembro. Lembro, naquele instante, que o filme reverberou em mim, quase 01 ano depois de sua produção, como uma celebração e uma convocação para continuar uma luta. O filme me tocou pela sua potência narrativa que nos mobiliza para a ação, para o Levante, ao passo que, desagua em memória ao abordar a história de preservação do acervo fotográfico da ZUMVI, e a trajetória artística e profissional do fotógrafo Lázaro Roberto Ferreira, o “Lente Negra” - pioneiro da fotografia documental negra na Bahia.

O acervo ZUMVI é composto por mais de 30 mil fotografias que narram momentos importantes da história da luta por justiça social da população negra na Bahia reunidos desde 1978 até os dias de hoje. **“ACERVO ZUMVI - O Levante da Memória”** é um documentário que nos revela e nos mostra de maneira poética e em primeira pessoa, através das fotografias e da voz nobre e altiva de Lázaro Roberto, as outras vozes, o caminho, o percurso e a presença de corpos negros de homens e mulheres que em luta, discurso, articulação, mobilização e afeto construíram os mais de 30 anos de história sobre o Movimento Negro na Bahia.

Ao escrever esse texto, que compõe o catálogo do **Festival Cinema Também é Quilombo**, sinto e reflito sobre os diálogos possíveis entre os cinemas negros e suas estéticas, linguagens, modos de fazer e a história, a memória e a educação. Reflito sobre a importância e urgência de que esse documentário seja difundido, exibido e discutido em todos os espaços formais e não formais de ensino uma vez que, é de nossa responsabilidade que todas as gerações conheçam as nossas histórias de luta e resistência. Esse ato, dá conta do cumprimento dos ditames da **Lei 11.645/2008** que

estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena” e da **Lei 13.006/2014** que aponta que a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais.

Exibir esse filme é um gesto estético e político, tendo em vista o direito que nossos jovens, crianças e adultos negros e negras, conheçam Lázaro Roberto, O Acervo Zumvi, Iris de Oliveira gerando um processo de identificação que reverberará em um fluxo e caminhos tanto de atualizações nas maneiras e formas de construir e narrar uma história através dos cinemas e fotografias negras, quanto com reflexão sobre as possibilidades postas pelas potências de nossas presenças, subjetividades, corpos políticos no passado-presente-futuro. Exibir esse documentário significa se responsabilizar pela continuidade da nossa história, pela preservação da nossa memória. Lázaro Roberto, através de sua potente trajetória e brilhante fotografia e Iris de Oliveira, através de seu processo criativo, formas e maneiras de dirigir um filme negro nos provoca a perceber as coexistências dos tempos e das temporalidades: Olhar para o Passado, Para no Presente nos Enxergarmos.

O futuro? O Documentário “Acervo Zumvi - O Levante da Memória” me diz que: É Fluxo e Continuidade!

Daiane Silva Santos

Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia no qual desenvolveu pesquisa sobre a relação entre o cinema, o cineclubismo e a escola. Possui experiência na produção de curtas-metragens, curadoria e atua no campo da pesquisa para produções de Longas-Metragens e Série de TV e na coordenação, pesquisa e consultoria para desenvolvimento e execução de projetos de Cinema, Formação e Educação. Integra a APAN - Associação de Profissionais do Audiovisual Negro e o Cineclube Afoxé. Atualmente coordena o Circuito Luiz Orlando de Exibição e a Programação da Sala Walter da Silveira.



“Rasgo porque apertado”: imagens negras que se insurgem contra a História

Ao falarmos sobre História, é habitual encontrarmos uma compreensão que se organiza em um fluxo aparentemente constante e linear, no qual os sujeitos, ações e seus desdobramentos seguem em uma marcha inexorável através do tempo. Entretanto, ainda que saibamos como historiadoras (e aqui convoco professoras e pesquisadoras, não acredito que uma atuação caminhe apartada da outra), que a despeito desta aparente ordem, os saberes históricos são constituídos de movimentos mais complexos que buscam articular a partir de questões que nos atravessam no presente, não apenas compreensão, mas também inquietações sobre o passado.

Nesta perspectiva, o “Tudo que é apertado rasga”, segue o seu destino, que para além dos festivais de cinema pelos quais tem circulado, tem também caminho possíveis nas salas de aula. Se inicialmente ele parece também pegar o fluxo contínuo das metáforas ferroviárias que são comuns a História e ao Cinemas, sobretudo para se referir ao tempo e suas velocidades, logo em seguida, os olhares, as narrativas que se repetem em momentos diferentes, nos colocam em suspensão.

Ver e ouvir Zezé Mota, Grande Otelo, Lea Garcia, Ruth de Souza e Zózimo Bulbul em uma espécie de *looping* relatarem sobre as suas vivências atravessadas pelo racismo é sentir no corpo, o aperto, e o desejo de silenciamento e subordinação que compôs e ainda compõe boa parte das narrativas a respeito da presença negra na História do Brasil, que continuam sendo reproduzidas nas mídias, mas também em muitas salas de aula. Por outro lado, os olhares de todos eles e seus personagens, que rasgam a tela e nos convidam a também despedaçar esta perspectiva histórica limitante que não os cabe e nem as experiências da população negra brasileira, indicando que apesar dos apertos, os rasgos nos colocam em movimento, muitas vezes por rotas antes impensadas ou não previstas.

Os olhares, os corpos em movimento, os gritos que muitas vezes vemos, mas não escutamos, emergem do passado, se inscrevem na História, a partir destas imagens para nos tirar do compasso de espera, e seguir com o olhar esperançado de um Lázaro Ramos ainda menino, interrogando sobre o que vai ser quando crescer e trazendo o lampejo do devir negro que das telas irrompe e com as almas nos olhos, nos fazem recriar perspectivas sobre a presença negra na História.

Izabel de Fátima Cruz Melo

Pesquisadora e professora. Doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA/USP. Professora da UNEB, foi pesquisadora associada da Filmografia Baiana. Autora do livro “Cinema é mais que filme”: uma história das Jornadas de Cinema da Bahia (1972-1978), além de outras publicações em livros e revistas. Também colabora com festivais, participando de curadorias e júri. Têm interesses de pesquisa vinculados à história e historiografia do cinema, sociabilidades, cineclubismo, festivais de cinema e formação.



Propostas de abordagem do cinema em sala de aula a partir do filme *A morte branca do feiticeiro negro* (2020)

A morte branca do feiticeiro negro é um curta-metragem produzido pela Gata Maior Filmes, de Santa Catarina, e dirigido por Rodrigo Ribeiro, cineasta negro dedicado a temáticas sociais e étnico-raciais. Lançado em 2020, o filme, de forte caráter memorialista, revisita o passado escravagista brasileiro através do relato íntimo de Timóteo, um homem negro escravizado, que morreu, em Salvador no ano de 1861, ao cometer suicídio, sua estratégia de insurreição e de liberdade, o caminho que encontrou para amenizar o seu banzo, palavra da língua quicongo que nomeia o sentimento de melancolia nutrido pelos inúmeros africanos escravizados em relação à terra natal e de aversão à privação da liberdade, cujo verbete ganha destaque logo na abertura da obra. A história do protagonista representa uma das muitas vidas ceifadas, apagadas e silenciadas pela violência da colonização, mas que, nesse caso, se manteve viva através das palavras transcritas em uma carta. São exatamente os fragmentos desse texto, escrito em um português antigo, que conduzem a trama, e que chamam a atenção para a importância da palavra em um contexto de opressão e de invisibilidade.

Os temas, a estrutura narrativa e o contexto sócio-histórico apresentados em *A morte branca do feiticeiro negro* possibilitam que a obra seja um interessante instrumento de abordagem em sala de aula, alcançando diferentes áreas do conhecimento: Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Química, Artes e Pluralidade Cultural. Em Língua Portuguesa, a análise do filme permite o estudo do gênero textual, do léxico e das mudanças na língua ao longo da história. Pensando na carta como um gênero textual, que apresenta elementos constitutivos importantes, a exemplo do remetente e do destinatário, a quem seria direcionada a mensagem da missiva, que expõe, entre outras coisas, seu desejo de não existir – diante de uma existência atrelada ao sofrimento –, a intenção de justificar seu ato (o suicídio) e a quantidade de tentativas de dar fim a sua vida? Nesse sentido, além de “banzo”, uma outra palavra

ganha destaque na narrativa: “perdão”, que pode ser interpretado de duas maneiras, a depender de quem seria o destinatário da carta. Na perspectiva cristã, o perdão se refere a uma mudança de sentimentos e atitudes em relação a uma ofensa criminosa; deixa-se de lado os impactos negativos desse ato, sem necessariamente ter garantido a justiça restaurativa ou resposta por parte do agressor. Nesse caso, a referência ao perdão poderia ser direcionada aos causadores do sofrimento de Timóteo, representado pelo homem branco rico escravagista e toda a sociedade estruturada nessa lógica. Inclusive, ele faz referência a Sinhá Pombinha e sua família, em sinal de agradecimento. Contudo, o perdão pode incluir o ato de perdoar a si mesmo, ação que seria justificada pelo fato de Timóteo ter cometido suicídio, já que para o Cristianismo, o suicídio é considerado pecado gravíssimo.

O filme é todo construído pela reunião de diferentes imagens de arquivo, resultado de uma rica pesquisa realizada por Julia Franco e Rodrigo Ribeiro, e que revelam, por exemplo, as divergentes funções sociais entre brancos e negros na sociedade brasileira do final do século XIX e a dura e sofrida rotina de trabalho dos negros nas fazendas, assim, em História, é possível discutir sobre esses episódios da historiografia do Brasil, em especial, a colonização portuguesa e o tráfico negreiro, investigando, por exemplo, as motivações e valores morais dessa sociedade colonial marcada pela violência e opressão, que orientam o relato do personagem principal, e também destacar as estratégias de confronto à escravização pelos escravizados.

Em Geografia, pode-se abordar como são representados o espaço rural no filme, assim como, discutir o funcionamento do sistema econômico e as relações de trabalho no período abordado. Já em Ciências, é possível fazer uma discussão sobre os efeitos emocionais e psicológicos da escravização no período colonial e, conseqüentemente, sobre o racismo, em tempos atuais, além da necessária abordagem sobre o suicídio. Em Química e Artes, sugere-se realizar um estudo sobre os processos químicos da fotografia analógica e a representação do negro nessa linguagem. Por fim, na área de Pluralidade cultural, explorar a relação da Igreja Católica com a escravidão, e de como

os escravizados se relacionavam com o Cristianismo, por exemplo, através da ideia de perdão, princípio cristão, abordado no filme.

Devido à classificação indicativa do filme (16 anos) e da complexidade de alguns temas apresentados, a sugestão é que o público-alvo seja estudantes do Ensino Médio.

Lecco França

Graduado em Letras Vernáculas (UFBA), Mestre e Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (UFBA), professor, pesquisador, escritor, cineclubista, curador e crítico de cinema. Foi idealizador dos Encontros Afro-latino-americanos, organizador das atividades cineclubistas Cine-debate Áfricas-Bahia e CineKanema: Mostra Itinerante de filmes de países africanos, e já atuou na curadoria de mostras e cineclubes, como a Mostra Itinerante de Cinemas Negros Mahomed Bamba, a Mostra Ousmane Sembene, o Festival de Cinema Baiano (FECIBA), o Cineclubes Antônio Pitanga e o Sala de Cinema UEFS.



Cinco fitas e o desejo de um cinema negro popular

Festa, devoção, comida, esperança, música, bebida, desejo e fé são uns dos muitos elementos que compõe a festa do Senhor do Bonfim em Salvador, uma das mais populares festas de toda Bahia que a cada ano atrai fiéis das mais variadas manifestações religiosas e curiosos não devotos. Só por se ambientar numa das festas populares mais importantes para a população negra baiana, quiçá brasileira, *Cinco fitas* já é uma grande celebração pedagógica e antirracista.

Os irmãos Pedro e Gabriel, nossos protagonistas mirins, vivem em uma família apaixonada pela fé. O fanatismo de seus familiares – no melhor sentido possível da palavra – vai da devoção pelo futebol do Esporte Clube Bahia, até a crença sincrética entre as religiosidades de matrizes africanas e católicas. É importante a presença dessa confluência de diversidades no filme para combater algumas delimitações subjetivas que a própria discussão de raça pode conter. Embalado pela paixão da família os dois meninos arquitetam ir escondidos à festa do Bonfim e prender uma fitinha para Oxalá no gradil da igreja para conseguir a tão desejada bola de futebol. Porém, como seria de esperar, o ingênuo plano dos meninos não dá certo é aí assim se desenrola a trama de *Cinco fitas*.

A magia desta narrativa está exatamente na virada da inocência dos protagonistas ao se perderem de seu destino original. Nessa jornada, os dois não perdem a inocência como o esperado para meninos negros como eles. Pedro e Gabriel descobrem um dos principais motivos da celebração do Bonfim ao compreender sua própria fé. O personagem responsável pelo encontro dos dois meninos é seu Firmino, que conta, sem demagogias, sobre os tradicionais significados da festa. Para ele importante não são os pedidos das fitas coloridas nos gradis, mas sim compreender a sua própria origem para de fato poder sonhar com o futuro. Mesmo neste momento mais didático, a mensagem cifrada de Firmino nos desce tão bem que parece uma oferta pedagógica certa para nossos orixás e para nossas práticas que pensam uma outra educação.

Assim como a festa do Bonfim, a grande conquista de *Cinco fitas* é dialogar com diferentes linguagens e conseguir agradar uma variedade de públicos, indo dos pequenos aos mais velhos. *Cinco fitas* é definitivamente um filme para se deliciar em família. Como um afago em tempos tão sufocantes o filme nos possibilita assistir, pelo menos nas fábulas do cinema, meninos negros vivendo a cidade e retornando com segurança para seus lares. Uma referência para nossas crianças que desejam ter o direito de sonhar.

Marco Aurélio da Conceição Correa

professor da Rede Municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ), Mestrando em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação (ProPed-UERJ), Pós Graduando em Ensino de História da África (PROPGPEC-CP2). Pedagogo, educador, escritor, pesquisa sobre as confluências entre os cinemas negros, a educação e as relações raciais. Publica textos em periódicos acadêmicos, revistas de comunicação e coletâneas literárias. É autor do livro “Cinemas afro-atlânticos: diásporas africanas e os cinemas negros nas tessituras em redes educativas”.



PARA AS MARIAS QUE NOS SONHARAM

*Às mais velhas, às mais novas
e a todas que estão por vir.*

Filhas de Lavadeiras (2019) de Edileuza Penha de Souza é fundamental para muitas meninas e jovens que não se permitem a sonhar e também para as que sonham e as que estão por vir, se faz necessário pela memória de muitas mulheres que nos projetaram e nos projetam até aqui.

Pensar a importância dessa reflexão faz remontar a nossa adversa experiência colonial afro-atlântica. Da escravização ao século XXI, predominamos na base piramidal abaixo de homens brancos, mulheres brancas e dos homens negros... Seja como escravizadas, ganhadeiras, quituteiras, lavadeiras, trabalhadoras domésticas, diaristas, nos impõem a subalternização.

No entanto, reverencio Maria Antonieta, Maria da Penha, Maria de Lourdes, Joaquina, Rosangela Maria, Maria José e muitas outras que me projetam até aqui, a primeira da família a ingressar no curso superior em uma instituição pública de ensino, somos muitas Hellens... *Souza* documenta os nossos traumas e também materializa, de modo acessível, em imagem e som, os sonhos, desejos e conquistas por outros caminhos de ser e estar.

Enquanto professora do Ensino básico Público, mulher e preta (re)vejo na Educação de Jovens e Adultos a experiência de dores e também de grandes conquistas de jovens e mulheres negras que compõem a maioria dessa modalidade que é um território de sonhos. Espaço de muitas Marias... Trabalhadoras domésticas que se permitem a desejar dominar as leituras de mundo por suas filhas, netas e, sobretudo, por elas. Que inspiram, abrem-caminhos! Guardo o cheiro do sabão em pedra, o brilho da bacia de alumínio, o peso do ferro de carvão para me fazer lembrar da luta de todas as nossas ancestrais. Levo comigo os saberes, valores e a determinação para resistir.

Temos a consciência de que nos sonhamos e que temos um caminho longo para a equidade. Para o justo. Não tem volta!

Tatiana Rosa

Professora de redes municipais de ensino na Grande Vitória (ES), mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do CEFET-RJ, especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola pela UFOP e licenciada em artes visuais pela Ufes. Idealizadora do projeto Ku Sanga de contos contados, do Projeto de arte e de educação Marés: Movimentos da Arte e da Educação (2014 - 2016) e sócia-fundadora do Projeto Raiz Forte Espaço de Criação (2015 - 2017), dedicado a elaboração, produção e realização de práticas artísticas, culturais e de educação para as Relações Étnico-Raciais. Pesquisa práticas de ensino da arte sob a episteme da equidade e produz práticas de educação no âmbito das relações étnico-raciais em espaços escolares e não-escolares.





SARAU



Alucinação

... anteontem,
te vi dançando,
pela greta,
da janela,
do meu quarto...

... faltava ritmo,
faltava sincronia...

mas a voz do Belchior cantando...

“o passado é uma roupa que não nos serve mais”,
... complementava.

Janio Silva

Nascido na região metropolitana da Grande Vitória, é escritor, produtor cultural e bacharel em Serviço Social. Cofundou o coletivo Literatura MarginalES em 2012 “grupo formado por jovens que tem a perspectiva de valorizar a literatura fomentando a produção literária e a leitura”. Entre os anos de 2015 e 2017 foi Orientador Social no Núcleo Afro Odomodê desenvolvendo atividades socioeducativas e culturais de valorização da cultura afro-brasileira e de enfrentamento da desigualdade racial. Trabalha como assistente de produção da websérie “Palavra Negra”, lançada em 2016 que congrega poemas de autores afro-brasileiros. Publicou o livro “Pedaços da Noite” em 2017 pela editora Poesia de Papelão Cartonera e o livro “Bonde” em 2018 por meio da Lei de Incentivo à Cultura Chico Prego do município de Serra/ES. Foi administrador do Centro de Referência da Juventude de Vitória entre 2019 e 2020.



Kiaola, em suas variações de Marrom Terra

Encontrei-a sentada numa esteira de palha, as costas largas pressionando a parede da frente da casa, ao seu redor haviam pedras miúdas, algumas conchas, gemas coloridas, búzios e restos de ossadas delicadas. Pressentindo minha chegada, levantou os olhos das contas espalhadas pelo chão e com eles percorreu meu corpo e feição dignando-se a um bom dia amistoso, de quem já está acostumada com a reação aturdida assumida pelos passantes que a constatavam há anos naquela mesma posição e ofício. Apressei em explicar que era carteiro e estava no primeiro dia de trabalho naquela região, e que ao passar por aquela rua tinha decidido encontrar alguém que pudesse me oferecer água. Ouvindo-me estendeu a mão esquerda em direção a uma moringa de barro, e a mão direita a um copo e derramou o líquido transparente, oferecendo-me. Enquanto bebia, observei com atenção os anéis miúdos que o cabelo ralo cor de algodão teciam sobre sua cabeça, a pele de um tom desbotado indicava que há alguns anos antes tinha possuído a mesma cor escura e brilhante que a minha, e por sua fragilidade eu presumia que qualquer toque mais vigoroso poderia desfazer o fino tecido.

Enquanto descansava por alguns minutos perguntei se não a estava atrapalhando, visto que não me dirigia muitas palavras. A resposta em tom negativo seguiu-se de uma interessante explicação. Kiaola, como se chamava, estava ali passando o tempo, procurando por sua própria voz, perdida em uma viagem muito antiga feita com sua mãe que ela mesmo não se lembrava bem como tinha ocorrido, o sumiço entretanto não a impedia de se comunicar com os outros, como estava fazendo comigo. Porém, ela reiterava que de fato aquela não era a sua voz autêntica. Continuou, explicando que já tinha se aposentado, e falando isso adensou “coisa que nesses tempos de agora, você não consiga mais fazer” e por isso passava os dias fora de casa, para espiar e estar pronta caso ela, sua voz, retornasse. Enquanto deslizava bonitas miçangas em alongados cordões, disse-me que quando encontrasse o fio do som da própria voz, ele

iria soar como o barulho intenso do tilintar de suas contas em movimento, ninguém poderia se fechar ao seu grito e as palavras que tinha guardado para dizer. Vendo minha curiosidade sobre qual matéria compunha o conteúdo de sua mensagem, confessou que faria uma denúncia das injustiças seculares, maldades centenárias e violências “que nosso povo tinha suportado”. Naquele instante, nas minhas memórias de menino-homem entendi exatamente o que ela dizia.

Prossequimos a prosa e continuei a contemplá-la. Ela era tão doce que se nos detivéssemos em suas íris açúcar-mascavo ficávamos como que surpresos e ciêntes de um amargor de fundo, que não se experimenta de primeira. Sua presença me lembrava as plantas de canaviais, que mesmo quando espremidas em seu máximo, só sabiam expelir um líquido adocicado. Geralmente as pessoas só lidavam com a garapa e não com os bagaços e os fiapos que ficavam, e era desse amargo que eu falava e que ela escondia no dentro dela, sendo o gosto mais íntimo de sua boca. Percebi que enquanto conversávamos, chorava e as formigas iam colher gota a gota, seu sumo. Tornando-se pequenas contas-pretas que compunham um colar costurado pela linha invisível que descia furtiva de seu rosto, seio, barriga e pernas até encontrar o chão. Os insetos eram suas mais preciosas jóias, segredava, lembrando ao mesmo tempo a importância dos escaravelhos-sagrados para sua linhagem. Me disse também que quando era lavadeira e passava os dias na beira do tanque dando conta de pilhas e pilhas de roupas sujas, seu suor escorria solto, e a fazia rodeada de um balé de cores, asas e plumas. Ninguém se espantava com a dança de pássaros e borboletas orbitando como constelações em seu entorno, era algo dela. Ninguém se espantava, ninguém.

Naquele ocasião, em que passei mais tempo em um intervalo do que podia, ou supunha, dentro das regras de uma empresa, limpei a poeira de seu rosto, tão antigo e sulcado que mais pareciam as máscaras de Nok. Talvez eu tenha sido a primeira pessoa que a tinha visto tão de perto, e portanto tomei parte daquela sensação de cansaço e tristeza que pesavam sobre seus ombros, uma desesperança que

movia seus pés rachados e gordos pela terra, e como o gosto do Cacau eu descobri, que ela era amarga.

Tamyres Batista Costa

Nasci Tamyres Batista Costa, em uma manhã do outono de 1997, me tornando assim uma poeta negra na diáspora. Minha aposta de vida, passa pelas pesquisas nas áreas de Antropologia, música, rádio, cinema, teatro e poesia. Meu interesse pelo cinema nasceu quando integrei, ainda no ensino médio, o cineclube Nome Provisório, coletivo que foi fundamental para me sensibilizar e encantar pelo audiovisual. Atualmente ainda o integro, juntamente com os cineclubes Teresa de Benguela e Aldeia. Tenho lutado para garantir o direito de fabular e habitar dentro do próprio sonho.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3474403827539227>.



Ninguém assiste sozinho

Um encontro diante da tela consigo, a sós, é um tumulto. Se for no cinema então é incompreensão certa, tanto para quem vai quanto para quem vê o outro indo. E sempre estão automáticas as perguntas dos inquietos. Você vai com quem? Sozinho. Sozinho? Sozinho. Existe nisso um mistério, já que em algum momento ficou definido que não se vai ao cinema desacompanhado.

Em busca de uma análise mais objetiva, fiquei pensando nos motivos de consolidação dessa regra com traços tão inconvenientes. Obviamente, parto de mim para explicar o todo. Não há nada de científico aqui. É compilação de informações, cujo banco de dados e análise é todo da minha cabeça. Constatei que existem três categorias: os que não vão sozinhos, os que vão e os que precisam anunciar que vão. Pertencentes à primeira categoria, os carentes, por exemplo, acham impossível não se somar a alguém nesse movimento de companhia. Para eles, assistir é junto. Mas, em defesa ou por pena deles, fiquei pensando: anunciar que vai sozinho também não seria um tipo de carência? Pode ser, mas eu, no medo de espelho, já logo refuto e mudo de assunto ou adoto outra postura. A confiança no que digo é escolha sua: estou sempre em minha defesa.

Quando vou, não tiro foto nem anuncio nada, só vou, por autossuficiência. Gosto disso. E cinéfilo ou não, todos sabem que estar só nesse espaço é uma oportunidade de reparar tudo e todos. Talvez seja um jeito fofoqueiro do bem, reparar desconhecidos e contar pra si sobre eles, causando-lhes dano algum. O só está filmando, vendo, percebendo as cenas e tomando nota das falhas, dirigindo sua própria tela. E lá estão os assuntos de sempre: muito performáticos, rotineiros e complexos, atributo de cinema cult, daqueles de bairro que encena riqueza. Aposto com qualquer um: há uma cara de intelectualidade flutuante, óculos, roupas largas, cabelos semiarrumados, de repente uns cigarros e um homem que parece amar muito aquela mulher.

A observação segue a vida alheia, as relações dos outros. Ao entrar na sala, já não se está sozinho, está com os ingressos entregues, com a escolha da poltrona, com o

respirar ao lado, com a pipoca da segunda fileira, com o casal de mãos dadas, com a criança que insiste em ser criança, com olhares presos à exibição. Há partilha do mesmo tempo na mesma atividade. Ao sair, já não se é só mesmo, pois a gente pode até ir sozinho ao cinema, pode até assistir em casa, mas daí pra frente é requisitante o partilhar: Já viu aquele filme? Já. Muito bom, né?!

... uma vez assistido, não há mais saída: o encontro com a tela é convocação que demanda conversa.

Thiara Cruz de Oliveira

Licenciada em Letras e mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Revisora de textos no Senac-ES e no @revisacademica. Também é colaboradora no perfil @mulheresdeescrita e publica textos no blog: <https://entreovazio.wordpress.com/>. É organizadora da coletânea “Quarentena Crônica”, e-book publicado pela Editora Pedregulho.



Os Zumbis Vencem os Capatazes Aonde?!

Essa família longínqua é observada por quem? De quem é o plano geral? Hoje cê vem de longe. De longe todo o mundo é preto mas essa câmara aí nesse sol não dou-ra um ano. Ser preto não é por compensação. É sinal de que corpo todo quer justiça. Pode ser.

Você quer ver o plantio, então veja. Só não chega perto que essa câmara que eu sei é erva daninha. Não adianta esconder o cenário colonial chegando perto. Ele continua assim do mesmo jeitinho. Só não filma a plantação de mandioca, que nessa distância pode parecer maconha. Fosse legalizada e essa câmara colasse junto era outra história. Não a dessa meia dúzia de latifundiários. Os pequenos produtores fariam a festa.

Teve um menino aqui que tentou a travessia pra viver com a cidade. Mas a cidade se cidadiantou numa cidadezinha de brancos. Precisando de um lugar pra dormir conseguiu hospedagem e alimentação em um hotel. Veja só. Prestativo e, desejoso de passar mais dias ali, disse logo que é bom de plantar. A dona então o disse que ele poderia dormir e comer ali e ganharia um bom dinheiro só para molhar as plantas que ela tinha em um cômodo. Ele então foi conferir a coisa. Achou mesmo que por ter parado antes de chegar à cidade aquilo ali de plantação dentro de casa devia ser comum. O Tiago foi vivendo ali. Pegou confiança com a dona. Passou a pagar as conta e a fazer as entrega. Até que um belo dia os capatazes chegaram dizendo que aquela plantação ali era proibida, que ele não podia plantar. Prenderam a dona e a ele deram uma baita duma lição por ser menor de idade. Dali ele foi para a cidade acreditando não topar mais com plantação, nem dentro de casa, que aquilo não era direito.

Vejo o que acontece na periferia. Os preto se junta pra resistir lutando pra cidade não os esmagar de vez. Luta dura em casas que formam montes, barrancos, que se não fosse a grande onda do carnaval nem saiam do lugar. Veja você que a siderurgia é cirúrgica e os capatazes trabalham pras siderúrgicas. Os latifundiários vivem de colher

favelados, os frutos da favela. Quero vida assim não. Os Zumbis vencem os capatazes aonde?! A cidade é uma grande duma emboscada.

E o Tiago?, você me pergunta. Foi parar na favela?! Parar não, que ali se cresce favelado. Algum capaz o arrancou de lá? Pois saiba você que o Tiago sou eu, seu moço. Eu quando moço. Fiquei adulto ali trabalhando pra siderúrgica lá dentro da máquina. Fiz muito aço que dava pra montar cidade. Formei família com a Rita e as crias; três, dois machos e uma fêmea. Ali também eu vivi no quilombo. Toquei muito surdo pra plantação de carnaval que é como o canavial mas na avenida. Ali também a nossa fantasia dava pra subsistência, comer, amar, trabalhar, dormir, acordar, cantar, brincar de fazer palavra que era da gente e que todo mundo usava pra respirar, pra dar fôlego, pra gritar.

Até que ao me ver favelado tive medo das minhas cria ser colhida pelos capatazes. Minhas cria muito sentidas dos amigos que cresceram junto e foram cortado da favela como se fossem maus favelados mas bons pra eles porque dava planta bonita na folha de jornal. Toda a cidade lia como se fosse mulher dando chamego no macho. Mas a cidade não é mulher nada, a cidade é é homem branco que faz tudo o que quer na página em branco. A página em branco, seu moço, é ele que apagou a nossa história. O que ele escreve normalmente é a gente morrendo.

Eu me aposentei e me bateu um banzo do quilombo. Sabe, aquela dor, aquela saudade dos meus tataravó que moravam e vieram da África. Aí eu fiquei sabendo de um lugar bom que tavam montando lá pras bandas do Dourado. Diziam que lá tinha uma lagoa que ficava dourada. Lá é aqui, seu moço. Só que aqui você não vê o fundo do terreno não. Tanto que o plano geral só pega esse andar e as árvores formando mata esconde os outro. Aqui é tipo cidade mas não tem ninguém em cima do outro não, a enxada faz plantio justo, cada um no seu terreno como em roda dançando de mão dada, mas se tirar o plantio, tá tudo junto. É como algumas coisa dessa câmara aí que eu já vi quando pega o bonito mesmo da gente da cidade. Mas aqui lá embaixo é que é o duro. Tem a lagoa também, nosso ouro. Se pra você aqui eu sou pequeno, lá embaixo eu sou menor ainda. Mas se você estivesse lá embaixo aqui você ia me ver grande.

Lá embaixo tem muita jaca, que já veio vendedor aqui querer me comprar a 1,50 a unidade. Por esse preço eu não dou nem o prazer dele subir no pé pra arrancar. As jacqueira fica perto da lagoa, é ouro. Jaca tem palmito, tem carne de jaca, tem os doce do caroço, torra também igual castanha se quiser, tem os fruto, nada se desperdiça, e eu sei que essa gente de orgânico hoje valoriza. Só que eu já valorizava antes. Isso tudo foi o quilombo que me preparou. E hoje aqui as casas tudo formam um quilombo. É partindo o qui com o lombo, como uma jaca mesmo o lombo dessa costa dos monte. Mas aqui capataz não vem bater e nem manda os seus ferro. Eu choro às vezes porque eu já fiz muito ferro. Tem ferro bom, mas tem muito ruim. E você, seu moço, que é minha cria, me ensinou sobre essa câmara cria sua aí dos seus estudos, vai criar o que com isso?! No meu papel do seus papel você é seu moço com a sorte de não ser o homem branco. Eu já vi muita cria nessa câmara e quem me via era sempre um seu moço. Só arrancava e não mostrava nada de volta. Quem sabe você sendo meu moço a vida da gente é cria outra, como a gente, assim, vivendo, pulando, agarrando nos galho, e até dá um cheiro bom no quilombo como eu dei na favela e mostra pra gente como ele fica dentro desses plano geral.

Wagner Silva Gomes

(Cariacica – ES, 1987) é praticante e amante do olhar periférico da molecagem que enxerga as coisas poeticamente. É licenciado em Letras-Português pela UFES, pós-graduado em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Faculdade Estácio de Sá e mestrando de Letras. É poeta, romancista, professor, educador social e é colunista do blogletras.com. Alguns dos livros publicados são os romances Classe Média Baixa (Editora Pedregulho, 2014) e Nix: Microfone por Tubos de Ensaio (Editora Pedregulho, 2018); Qual é o Esquema da Parada (Editora Pedregulho, 2020). Foi integrante do programa de rádio TEDESOM (teatro do desoprimido – rádio universitária, UFES) interpretando o papel de Malcom-X.





AGRADECIMENTOS

Ana Carmo
Anna Andrade
Ariel L. Dibernaci
Ary Rosa
Carol Rodrigues
Carolyn Meneses
Clarissa Brandão
Cláudia Sater Martha Sales
Clébson Francisco
Daiane Rosário
Edileuza Penha de Souza
Edson Ferreira
Everlane Moraes
Fabio Rodrigues Filho
Fernanda Almeida
Gabriel Martins
Glenda Nicácio
Heloá Sales
Heraldo de Deus Borges
Iris de Oliveira
Izabel Cruz
Janaina Oliveira ReFem
Jânio Silva
Juh Almeida
Juh Balhego
Lecco França
Leonardo Souza
Leticia Lima
Lincoln Pércles
Luciana Oliveira
Luciano Vidigal
Manu Zilveti
Marco Aurélio Conceição
Mariana Campos
Marvin Pereira
Milena Manfredini
Monique Rocha
Naymare Santos de Azevedo
Pedro Nishi
Quilombo dos Marques
Rodrigo Dutra
Rodrigo Ribeiro
Safira Moreira
Sidjonathas Araújo
Tais Santos do Amor Divino
Thais Scabio
Tamyres Batista Costa
Tatiana Rosa
Thiara Cruz
Uilton Oliveira
Urânia Munzanzu
Vaneza Oliveira
Vilma Carla Martins
Vinicius Silva
Wagner Silva Gomes

festival
**CINEMA
TAMBÉM É
QUILOMBO**

Realização



Apoio



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Cultura



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

